

**GÊNERO PERFIL BIOGRÁFICO:  
CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS  
BAKHTINIANA PARA O ESTUDO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS  
NO JORNALISMO LITERÁRIO**

**RESUMO:** Propomos uma investigação em nível de mestrado na esfera jornalística, dentro do Jornalismo Literário, cujo foco é o espaço discursivo reservado aos gêneros biográficos. O Jornalismo Literário constitui uma modalidade discursiva que emprega técnicas de apuração, edição e captação inerentes ao jornalismo, que utiliza diversos recursos estilísticos próprios da literatura. Objetivamos explorar o gênero perfil. Intentamos, ainda, avaliar a classificação dos formatos oferecida por estudiosos da Comunicação, como Melo (2013; 2016), propondo uma releitura com base nos pressupostos sobre gêneros do discurso dos estudos bakhtinianos, entre outros tópicos, como a concepção de linguagem como interação verbal e o dialogismo.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário. Perfil Biográfico. Gêneros do Discurso.

**SOBRE O AUTOR:**

**ELENILSON ODAIR DE MORAIS**

Professor de Língua Portuguesa da Rede Pública do estado de MT. Formado em Letras-Literatura Plena pela Universidade Federal de Mato Grosso. Graduando em Comunicação Social: Jornalismo, UFMT. Revisor. Membro do Grupo REBAK (Relendo Bakhtin), do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso. Revisor oficial do Livro do Rebak, Linguagens em Movimento. Interesses de pesquisa: Jornalismo Literário, Comunicação, Literatura, Estudos Bakhtinianos. odairdemorais@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa – a ser realizada em nível de mestrado em estudos linguísticos –

propõe uma investigação na esfera jornalística, mais precisamente dentro do Jornalismo Literário, onde se encontra o gênero *perfil biográfico*. Trata-se do espaço discursivo reservado aos gêneros narrativos biográficos, em que avaliaremos a classificação dos formatos jornalísticos. A ideia é explorar os textos que compõem o grupo dos gêneros biográficos, a partir de uma perspectiva discursiva bakhtiniana, na qual o processo de elaboração do texto seja analisado desde a entrevista, momento em que repórter e perfilado estabelecem o primeiro contato frente a frente.

O Jornalismo Literário, convém ressaltar, nada tem de ficcional. Trata-se de uma modalidade discursiva que emprega técnicas de apuração, edição e captação inerentes ao jornalismo convencional, porém utiliza-se dos recursos estilísticos disponíveis, como narração, diálogo e descrição cena a cena, próprios da literatura. Sendo assim, o Jornalismo Literário pode ser entendido como um segmento do jornalismo, campo ao qual pertence. Tanto um quanto outro tem como princípio básico o propósito de informar, todavia, nas palavras de Edvaldo Pereira Lima, o Jornalismo Literário “procura transcender o nível importante – mas meramente informativo – de uma boa parte da produção jornalística, para alçar voos de maior ambição” (LIMA, 2014, p. 10). O Jornalismo Literário busca seduzir o leitor. A prática costuma receber outras designações como, por exemplo, Literatura da realidade, Literatura de não-ficção ou, ainda, *Criative Nonfiction*. Nas palavras de Castro:

O que chamamos de Jornalismo Literário é a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingues-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso (CASTRO, 2010, p. 5).

Dentro desse espaço é que nos interessamos em investigar os gêneros jornalísticos, sobretudo os narrativos, que estão inseridos no que se convencionou chamar de Jornalismo Literário: o obituário, o perfil e a biografia, por exemplo. Os estudiosos da comunicação buscaram (e buscam) fazer uma classificação desses gêneros, bem como demonstra Melo (2013). Objetivamos aproximar esta classificação ou fazer uma releitura dela, com base nos pressupostos sobre gêneros do discurso advindos dos estudos bakhtinianos. Além da classificação geral das narrativas biográficas, detalharemos o gênero perfil para descrevê-lo em seu processo de produção, circulação e recepção, bem como nas suas características discursivas.

Compreendemos que a teoria bakhtiniana, através de suas formulações sobre os gêneros do discurso, pode contribuir para a área de estudos sobre os formatos jornalísticos, pois permite um mapeamento do gênero para além da mera textualidade, mas agregando elementos do seu processo de produção e investigando os aspectos discursivos dos contatos entre os diversos gêneros, como no caso do perfil e da entrevista. E, ainda, como se trata de uma área de estudos que circunscreve o fazer literário, os processos autorais da criação verbal e as questões ideológicas, permite também desvelar a produção textual do fazer jornalístico.

## 1. JUSTIFICATIVA PARA O ESTUDO

No quinto semestre do curso de Jornalismo, nos deparamos com uma disciplina intitulada Gêneros do jornalismo. Ali, começamos a relacionar o que estávamos aprendendo com o que tínhamos visto durante o curso de Letras, anos antes, na UFMT. Notamos que a abordagem era diferente. Curiosamente, o que no curso de Letras era chamado de gênero, no Jornalismo designava-se formato.

Antes disso, porém, já vínhamos pesquisando o Jornalismo Literário, com interesse especial pelo Livro-reportagem. Tínhamos lido dois livros do professor Edvaldo Pereira Lima: *O que é livro-reportagem*, e *Páginas ampliadas*. E, enquanto autor, havíamos publicado dois perfis na imprensa regional: *Sodrézinho e a profundidade do silêncio* e *Um tiozão rock and roll*, ambos publicados no jornal Diário de Cuiabá. Eram tentativas de explorar e colocar em prática o que tínhamos aprendido acerca do gênero perfil na faculdade. Durante a produção dos textos,

notamos que certos aspectos nos chamavam a atenção, desde a relação estabelecida entre o jornalista e o perfilado, durante a entrevista, até a forma de textualização do perfil para publicação.

Outro aspecto digno de destaque e que, em nossa concepção, justifica o foco no estudo dos gêneros narrativos biográficos, é entender que nesta prática textual está latente a possibilidade de humanização das personagens, o que atrai o leitor e dá sobrevida ao material publicado. Nosso interesse nesta pesquisa, por outro lado, desenvolveu-se, sobretudo, ao constatar que a teoria elaborada pelos integrantes do Círculo bakhtiniano poderia contribuir para a área do jornalismo na classificação dos gêneros, bem como na sua melhor compreensão em bases discursivas. Sendo assim, uma investigação desses objetos discursivos só vem a agregar novos conhecimentos e descobertas sobre o funcionamento discursivo dos gêneros da esfera jornalística, como atesta o trabalho que vem sendo desenvolvido há algum tempo na área dos estudos bakhtinianos por autores como Brait (2006) e Grillo (2004).

## 2. DISCUSSÕES TEÓRICAS

Este trabalho tem como espaço discursivo a esfera jornalística, com a qual mantemos contato desde o início do curso de graduação na UFMT, em 2011. Nesta esfera, compreendem-se vários domínios e objetos de estudos na área da comunicação. Entre eles, os gêneros jornalísticos. Sobre o tema, esclarece-nos Costa:

No Brasil, os gêneros jornalísticos têm merecido estudos e pesquisas acadêmicas desde a década de 1960, considerando-se, para esta assertiva, as obras de Luiz Beltrão na trilogia *A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980). Ainda que sem conceituar ou falar em "gênero jornalístico", o autor considera que o jornalismo se baseia em três categorias: informativa, interpretativa e opinativa. Na primeira, estariam enquadradas a *notícia*, a *reportagem*, a *história de interesse humano* e a *informação pela imagem*. No jornalismo interpretativo, a *reportagem em profundidade*; e, por último, no jornalismo opinativo, o *editorial*, o *artigo*, a *crônica ilustrada* e a *opinião do leitor* (COSTA, 2013, p. 44-45).

Dentre os vários domínios jornalísticos, focaremos, neste estudo, o do Jornalismo Literário. Para a sua descrição, nos basearemos, principalmente, nas

obras dos seguintes autores: Pena (2006), Castro (2010), Martinez (2016) e Lima (2009; 2014). Conforme Lima (2014, p. 17), o Jornalismo Literário “trabalha um bom conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos – técnicas de como contar as histórias –, alguns deles originários do próprio jornalismo, outros procedentes da literatura de ficção”. Já para Castro (2010, p. 9), “Jornalismo Literário, a nosso ver, portanto, é a capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa a hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética, política, etc”. Desse modo, podemos compreender que o discursivo narrativo é predominante nesse domínio, sobre o qual temos interesse especial, no âmbito das narrativas biográficas.

É preciso salientar que se trata de uma escolha de espaço discursivo de pesquisa, e não vai aqui nesta exposição acerca do Jornalismo Literário nenhum tipo de valoração ou de argumento a favor de seu uso em detrimento do jornalismo tradicional, com o qual nos deparamos diariamente nas páginas dos mais diversos jornais, dada a sua funcionalidade cotidiana. O Jornalismo Literário não é nem pretende ser “um discurso unificador ou revolucionário que vise implodir um estilo consolidado para edificar outro no lugar” (CASTRO, 2010, p. 5). Felipe Pena (2006) nos esclarece sobre os seus significados na esfera jornalística:

O termo Jornalismo Literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado. Na Espanha, por exemplo, está dividido em dois gêneros específicos: *periodismo de creación* e *periodismo informativo de creación*. O primeiro está vinculado a textos exclusivamente literários, apenas veiculados em jornais. Já o segundo une a finalidade informativa com uma estética narrativa apurada. O problema é que parte do pressuposto de que o texto exclusivamente informativo não tem uma narrativa trabalhada (PENA, 2006, p. 20).

Um dos aspectos de sua arquitetura textual que nos chamou a atenção para o tema é verificar como o discurso do Jornalismo Literário se constitui. Há uma mescla entre jornalismo e literatura, que pode ser entendida como a utilização por parte do repórter de procedimentos literários na elaboração do texto jornalístico. Isto é, no momento em que redige a matéria, o jornalista tem total liberdade não em relação ao fato em si, ao qual busca manter a mesma precisão e objetividade, mas no trato com o tema: no modo de narrar e descrever o cenário, apresentar o fato jornalístico, caracterizar as personagens envolvidas e desenvolver o enredo. Nas palavras de Castro:

Tais soluções narrativas apresentam justificativas não só do ponto de vista da liberdade estilística, mas também como avanço técnico e cognitivo para produtores (editores e repórteres) e receptores (leitores e consumidores de publicidade), avanço que pode ampliar mesmo o que entendemos hoje por jornalismo. Nas teorias do jornalismo, a cosmovisão trazida pelo JL é muitas vezes chamada de “Literatura da Realidade” por privilegiar o realismo social como campo de ação e retroação societal, muito embora o conceito de narração literária comece a ampliar-se além desse espectro sócio-cultural com as novas experiências de linguagem dentro do próprio jornalismo (CASTRO, 2010, p. 22-23).

Conforme LIMA, há possibilidades que se apresentam na narrativa do Jornalismo Literário e encaminham esse espaço para uma perspectiva humanista/humanizadora:

A minha semente de contribuição, nesse contexto, é visualizar que na narrativa de qualidade podemos fazer algo e muito. Podemos trazer o amor – a aceitação das diferenças, a busca da compreensão profunda do outro, a humildade de reconhecer que a existência não só se constitui numa realidade complexa mas contém uma certa porção de mistério que não conseguimos explicar, a capacidade de nutrir uma cultura de paz, a alegria de ver e retratar a vida tão diversificada e paradoxalmente tão unificada nas suas diferentes formas – de volta ao texto jornalístico de profundidade (LIMA, *online*).

Dentro do jornalismo literário, podemos vislumbrar a ocorrência de variados gêneros jornalísticos, que nas teorias específicas recebem o nome de formatos. MELO (2016, p. 50-51) estabeleceu uma divisão que é tida hoje como uma das mais conhecidas na área. Apresentamos a seguir os gêneros, segundo a concepção do autor, bem como os respectivos formatos que os constituem: 1. Gênero informativo: nota, notícia, reportagem, entrevista; 2. Gênero opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica; 3. Gênero interpretativo: análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê; 4. Gênero diversional: história de interesse humano, história colorida; 5. Gênero utilitário: indicador, cotação, roteiro, serviço.

A classificação dos gêneros jornalísticos oferecida por Melo, em nosso entendimento, pouco auxilia na compreensão de seu funcionamento, tanto na formulação interna, textual, quanto em suas relações com outros gêneros, discursivamente. Diante disso, consideramos que a teoria de gêneros de viés bakhtiniana pode oferecer mais subsídios sobre os elementos textuais-discursivos dos gêneros que ali circulam, constituindo uma contribuição efetiva para a leitura e

produção destes textos na formação acadêmica do jornalista e mesmo dentro de sua atuação profissional na mídia.

Para Bakhtin (2003, p. 261-262), os gêneros constituem-se como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional”.

Nessa definição, Bakhtin nos apresenta os três elementos caracterizadores dos gêneros discursivos, o estilo, a forma composicional e o conteúdo temático. Obviamente, os gêneros precisam ser pensados de acordo não apenas com esse tripé, mas também com a sua esfera de produção, circulação e recepção dos enunciados, que constituem “a unidade da comunicação verbal”. Em nosso caso, a complexidade da esfera jornalística já nos coloca a problemática dos diversos gêneros ali presentes. Puzzo, analisando a flutuação entre gêneros na esfera jornalística e literária nos esclarece:

Os textos que circulam nas diversas esferas de comunicação social têm demonstrado uma variedade muito rica de modelos genéricos desdobrando-se em enunciados cada vez mais originais e de difícil classificação do ponto de vista dos gêneros, confirmando a teoria bakhtiniana de que os gêneros se transformam e se multiplicam na medida das necessidades de comunicação nas diversas esferas de produção, circulação e recepção (PUZZO, 2009, s/p).

Destacamos, como nosso interesse de pesquisa, entre os gêneros jornalísticos presentes num conjunto que podemos denominar de narrativas biográficas, o perfil biográfico. Praticado por repórteres dotados de inegável talento literário, o perfil é um gênero jornalístico que, quando bem executado, costuma ser capaz de seduzir e hipnotizar o leitor do suporte onde frequentemente é publicado. Tendo o foco narrativo inteiramente voltado para o perfilado, conforme Sérgio Vilas Boas (2003), os perfis são escritos com a finalidade de gerar empatia. Contudo, não se trata de ficção, uma vez que a narrativa faz uso “de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos” (BOAS, 2003, p. 14). É um tipo de texto cuja prática requer a participação bem como o envolvimento do autor.

Em relação aos perfis produzidos por autores contemporâneos, há um fato no mínimo curioso, dada a excentricidade e tamanha ousadia. É o caso de Bruno Molinero, jornalista que escreve para a Folha de São Paulo. Ele recebeu o prêmio Jovem Jornalista, do Instituto Vladimir Herzog, e já representou o Brasil no *World Event Young Artists*, na Inglaterra. Bruno Molinero escreve perfis em forma de poemas, burilando os seus versos com precisão jornalística e fugindo às regras do que orientam os manuais de redação.

Entendemos que o processo de produção do gênero perfil implica relações com outro gênero, a entrevista, que o constitui. Durante a entrevista, o processo de interação entre jornalista e perfilado é determinante. Para Bakhtin; Volochínov (2009, 127) a verdadeira substância da língua constitui-se “pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. Avançando um pouco mais, compreendemos que todo o processo discursivo de produção dos perfis biográficos se realiza através de um conjunto dialógico, ou seja, por meio de diálogos entre diferentes enunciados e gêneros. Esse processo vai desde a criação do jornalista até a cocriação do leitor do perfil literário. E, o produto final será, a nosso ver, resultado do movimento dialógico e interacional entre os diferentes sujeitos e enunciados ali envolvidos. Sobre dialogismo, trazemos novamente a contribuição bakhtiniana:

Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p.294-295).

### **3. PROPOSTA METODOLÓGICA**

A investigação que pretendemos realizar a respeito dos gêneros da esfera jornalística, especificamente do Jornalismo Literário, como expusemos, se enquadra

no âmbito das pesquisas em Ciências Humanas, no paradigma qualitativo de pesquisa.

Bakhtin versa sobre a temática das Ciências Humanas, em notas datadas entre o final da década de 30 e início dos anos 40, sob a denominação Metodologia das Ciências Humanas. Nelas, o autor russo busca firmar o território das Ciências Humanas, constatando a sua base discursiva – a do sujeito falante – e, portanto, dialógica. Para ele, “o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (BAKHTIN, 2003, p.400). Em sua visão, o “objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2003, p. 395). Apesar de nosso objeto – o gênero perfil biográfico – acreditamos que a perspectiva dialógica está colocada nos moldes do que fala Amorim (2004) sobre a relação entre “o pesquisador e seu outro”. A interação entre jornalista e seu entrevistado a ser perfilado é determinante para o produto final, o perfil. Como bem coloca Souza e Albuquerque:

Ao assumirmos a teoria da linguagem que nos propõe Bakhtin como fundamento de nossas preocupações metodológicas para a pesquisa em ciências humanas, a interlocução entre o pesquisador e seu outro ganha uma especificidade que precisa ser caracterizada. Aqui, o foco não está na fala do sujeito da pesquisa tomada isoladamente, mas a cena dialógica que se estabelece entre o pesquisador e seu outro, produzindo sentidos, acordos e negociações sobre o que pensam sobre um determinado assunto, em um contexto definido por atos de falas recíprocas. (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 115).

A abordagem qualitativa, nesse sentido, coaduna-se com as proposições bakhtinianas, uma vez que se busca a compreensão de diferentes fenômenos de linguagem, no caso, textuais e discursivos, a partir da perspectiva das pessoas ali envolvidas. Podemos aliar, ainda, ao paradigma qualitativo, a proposta de Brait (2006) a respeito da Análise Dialógica do Discurso. Nela, leva-se em conta práticas discursivas em suas enunciações concretas, evidenciando as suas esferas de produção, circulação e recepção.

Tendo em vista tais premissas, podemos propor uma metodologia para a operacionalização de nossa investigação. Em primeiro lugar, organizaremos a pesquisa bibliográfica, a fim de compreender o funcionamento da esfera jornalística e do domínio do jornalismo literário, bem como os aspectos discursivos da

classificação e descrição dos gêneros narrativos biográficos, à luz da teoria dos gêneros do discurso de viés bakhtiniana.

Em seguida, procederemos à análise documental que, segundo Godoy (1995), “deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas [...] e os elementos icônicos de um fenômeno”. No caso de nossa pesquisa, os documentos a serem analisados serão os perfis biográficos de diferentes personalidades, já publicados, a fim de compreender o funcionamento do gênero e descrevê-lo em suas peculiaridades.

Por fim, propomos, ainda, a produção de perfis, em número e sobre sujeitos ainda a serem definidos durante a realização da pesquisa sob orientação, para analisar o processo de produção, a interação entre jornalista e perfilado, a relação entre o gênero entrevista e perfil, bem como as relações dialógicas que possam ali ser evidenciadas, no processo de produção e na produção do texto final. Para essa etapa, utilizaremos a entrevista tanto como técnica de geração de dados como constitutiva do próprio ato de produção do gênero perfil biográfico. As anotações de campo, da mesma forma, poderão servir como registro. Para a análise dos dados de produção, processo e produto de perfis, tomaremos, como guias analíticos, os conceitos bakhtinianos de interação e gênero, a partir da concepção dialógica de linguagem.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendemos que a teoria bakhtiniana, através de suas formulações sobre os gêneros do discurso, pode contribuir para a área de estudos sobre os formatos jornalísticos, pois permite um mapeamento do gênero para além da mera textualidade, mas agregando elementos do seu processo de produção e investigando os aspectos discursivos dos contatos entre os diversos gêneros, como no caso do perfil e da entrevista. E, ainda, como se trata de uma área de estudos que circunscreve o fazer literário, os processos autorais da criação verbal e as questões ideológicas, permite também desvelar a produção textual do fazer jornalístico.

Um projeto nessa perspectiva constitui, a nosso ver, uma contribuição para a área do jornalismo, da Comunicação, bem como dos estudos linguísticos que enfocam os meandros da discursividade.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hicitec, 2009.

VILAS BOAS, S. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

CASTRO, G. de. **Jornalismo literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

DIAS, P. da R. et al. **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de São Paulo” e da revista “Veja”**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>. Acesso em: 01 out 2018.

GRILLO, S. V. de C. **A produção do real em gêneros do jornal impresso**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo literário para principiantes**. São Paulo: EdUSP, 2014.

LIMA, E. P. **Narrativas para transformar**. Disponível em: <https://www.edvaldopereiralima.com.br/narrativas-para-transformar/> Acesso: 05ago18, às 23h29.

MARTINEZ, M. **Jornalismo literário – tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.

MOLINERO, B. **Alarido**. São Paulo: Patuá, 2015.

PENNA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PUZZO, M. B. Gêneros Discursivos: configuração e flutuação. **Anais do V SIGET**. Caxias do Sul, Ago, 2009. Disponível em [https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/generos\\_discursivos\\_configuracoes\\_e\\_flutuacao.pdf](https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/generos_discursivos_configuracoes_e_flutuacao.pdf). Acesso em 08 out 2018.

RÊGO, A. R.; AMPHILO, M. I. Gêneros em jornais de prestígio. MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, UMESP, 2013.

SOUZA, S. J.; ALBUQUERQUE, E., D. P. **A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana**. Bakhtiniana. São Paulo, número 7, volume 2. P. 109-122, Jul./Dez. 2012.